REVISTA
APLAUSO
Guia de teatro

Jornal do Teatro
Em cartaz
Heloísa Perissé
Ingrid Guimarães
Leonardo Brício
Michel Melamed
Sebastião Vasconcelos
Tônia Carrero
Zezé Polessa

Paulo Autran em...

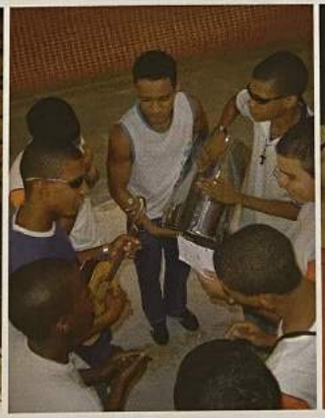
Adivinhe quem vem para rezar

Um acerto de contas entre pai e filho

ANO VII Nº 71
EXEMPLAR GRATUITO

500 + 600 = 1.100

1.100 é o número de jovens beneficiários



600 alunos no Talentos da Vez I

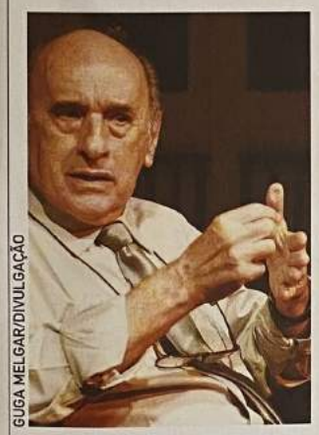
500 alunos no Talentos da Vez II

50 formaram a Cia Aplauso

1.850 oportunidades de emprego

atingindo **200** comunidades

Cinco décadas de estrada



GUGA MELGAR/DIVULGAÇÃO

"Aqui estou eu, contando a minha história, depois de cinqüenta anos. Comecei fazendo teatro universitário, no Recife, quando passava mais tempo no teatro do que estudando Direito. Terminei o curso, mas me faltava vocação para ser advogado. O teatro tomou conta de mim. Acabei vindo para o Rio de Janeiro e tive a sorte de, logo, trabalhar com a *Companhia Tônia-Celli-Autran*.

Naquela época, o trabalho era dobrado: de terça a domingo. Quinta, sábado e domingo, havia duas sessões. A gente ensaiava, de tarde, para a próxima peça da temporada e, de madrugada, para o *Grande Teatro Tupi*, com uma peça por semana para decorar. Trabalhei, também, com outras companhias, entre elas o *Teatro Nacional de Comédia* e o *Teatro dos Sete*. Ganhei muitos prêmios, como o *Molière* e o *Mambembe*. Tenho saudades... Foi um tempo maravilhoso!

Fiquei fazendo teatro e televisão – esta, na época, era apenas um bico para a maior parte dos atores, para ajudar a pagar a moradia e outras contas. Acabou dando certo e, já na Rede Globo, fui me acomodando e me distanciando do teatro. Nesse meio tempo, houve convites, mas eu lia e os textos não me agradavam. Minha peça mais recente foi *Eles não usam Black-Tie*, com direção do Marcus Vinícius Faustini.

Já estava ficando com complexo de velhice, achando que não iam mais me chamar, até que a diretora Christiane Jatahy me convidou para fazer *Leitor por horas*, em cartaz. No início, fiquei preocupado, por ser um texto difícil. E pensei muito em como conseguiria chegar na naturalidade que minha personagem exigia. Mas o resultado do trabalho está muito interessante e a turma é ótima. Estou satisfeito, porque arrisquei e aceitei este desafio."

Sebastião Vasconcelos, janeiro de 2006

Forasteiros

Depois de conquistar São Paulo, a peça *Agreste* chega aos palcos cariocas, para uma curta temporada. Em cartaz no Teatro Poeira, a peça é um manifesto poético sobre a ignorância, o preconceito e o amor incondicional. Outro aclamado espetáculo, que vem diretamente de Recife, é *Caetana*, do encenador Moncho Rodriguez. A montagem resgata elementos das tradições populares nordestinas, que ganham uma roupagem de contemporaneidade. E quem também aporta, por aqui, são os brasileiros, radicados em Paris, da companhia de teatro gestual *Dos à Deux*, com a peça *Saudade em Terras D´Água*.

Humor em cena

Quase 15 depois de sua estréia, *A Maracutaia* volta em cartaz, com direção e adaptação de Miguel Falabella. Outro espetáculo que aposta na comédia é *As preciosas ridículas*, considerado um dos grandes textos de Molière.

Teatro de raiz

Diretores mais do que consagrados no cenário teatral, Ana Kfouri, Eduardo Tolentino e Marcus Vinicius Faustini já começam a temporada de 2006 com novidades. A primeira apresenta o espetáculo *Esfíncter*, no qual projeções de imagens do interior do corpo humano se misturam com os corpos nus dos atores, aprofundando uma linha investigativa em relação ao espaço da cena. Tolentino inaugura o novo ano, no Centro Cultural dos Correios, com a peça *Visão Cega*, do irlandês Brian Friel. Já Faustini reedita um dos clássicos de Clarice Lispector, com a montagem de *A hora da estrela*, que conta as desventuras da nordestina Macabéa.

Atenção: para conferir os endereços dos teatros, horários e elenco, veja a seção Em Cartaz.

Aplauso é uma publicação mensal da Sociedade Cultural Itaipava Ltda. Redação, administração, publicidade, informações sobre assinatura e correspondência: Rua Gal. Venâncio Flores, 620/101, CEP 22441-090, Rio de Janeiro, RJ. Tels/fax: (21)2511-1390 e (21)2511-5344. E-mail: aplauso@gbl.com.br. Diretora: Ivonette Albuquerque. Colaboradores: Walkyria Garotti (edição de arte); Simone Melamed (textos). Jornalista responsável: Catarina Arimatéia MTb.: 14135. Certificado de Registro de Direito Autoral nº 155.441. Impressão: Sol Gráfica. Capa: Rubens Cerqueira/divulgação

Heloísa Perissé

Um grande desafio

DIVULGAÇÃO

Heloisa é autora, atriz e diretora

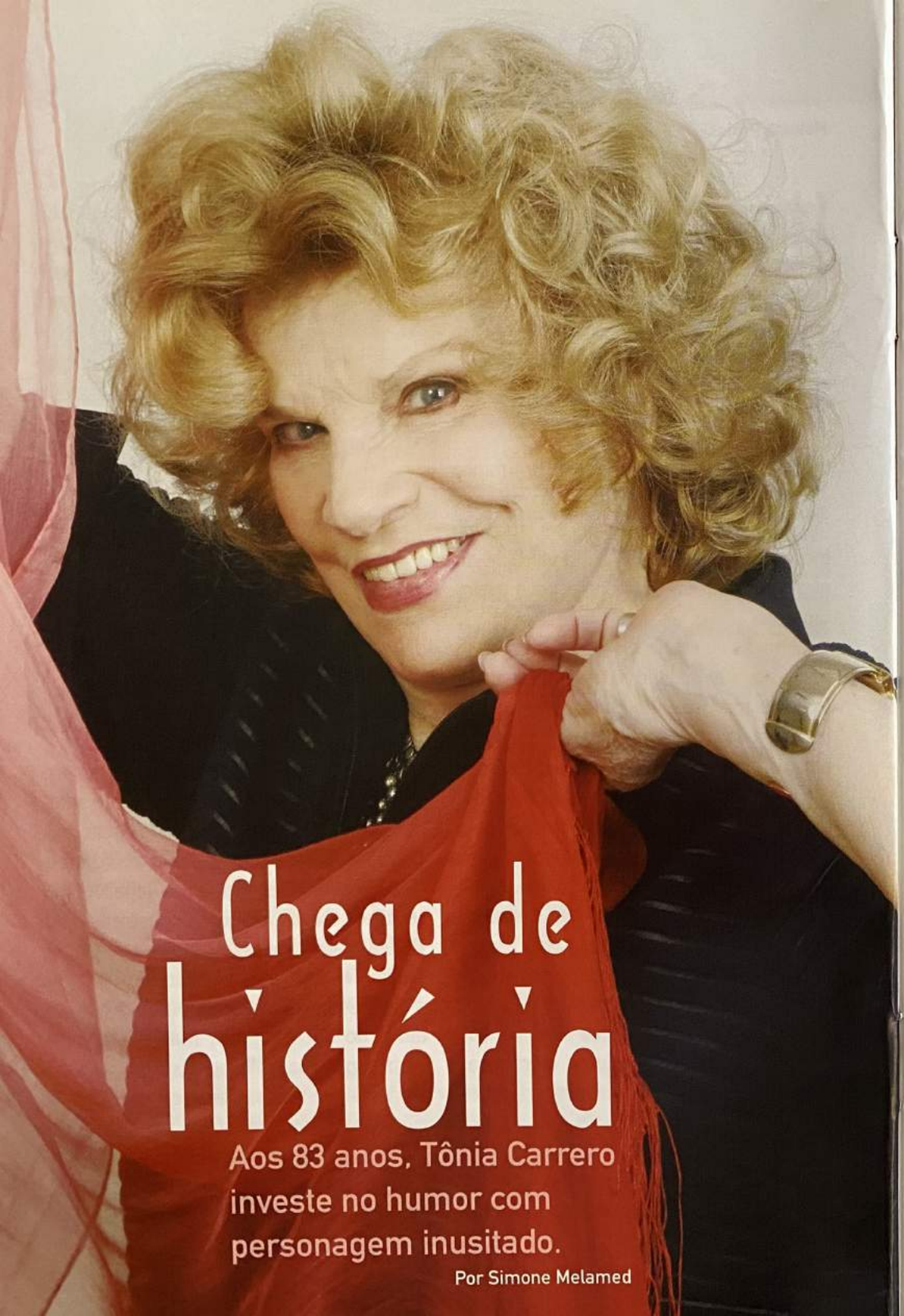
A peça *Alta tensão* foi minha primeira direção. E, como não poderia deixar de ser, foi tudo mesmo em ALTA TENSÃO. Na verdade, eu nem esperava em dirigir uma peça assim tão cedo...

Certo dia eu estava em casa, arrumando minhas coisas, quando de repente encontrei esses textos. Meu impulso foi logo querer ler de novo, mas resolvi pedir para uns amigos lerem. E foi maravilhoso! Fizemos um *happy hour* improvisadíssimo, animado, rimos muito. Convidei a Elisa Palatinik, pois já trabalhávamos juntas há um tempo, e ela havia trazido textos dela também. Passamos a nos reunir sempre, escolher textos, e quando vimos tínhamos uma peça.

Aí começou um segundo processo: quem vai dirigir? Durante alguns dias de reflexão, cheguei à conclusão de que seria eu. Me enchi de coragem e mergulhei de cabeça. Não tinha idéia do que seria minha direção, a única coisa que eu sabia é que seria simples, objetiva, clara e de comunicação direta com o espectador. E como eu sabia que queria isso? Pelo simples fato de eu ser assim! Sempre vi o trabalho do diretor como sendo os olhos do público.

Os textos são meus e da Elisa, que tem o mesmo ritmo que eu, por isso me senti sempre muito à vontade em dirigir seus textos, conseguindo entender com facilidade o que ela quer dizer. Reunimos uma equipe técnica maravilhosa, contei com o apoio do Barata (produtor e assessor de imprensa) e, quando vi, a peça havia nascido.

Confesso que foi um processo mais difícil do que imaginei, mas o saldo foi gratificante, maravilhoso. Espero que seja a primeira de muitas peças que eu dirija, e ainda aproveito este espaço para convidar todos para conferir o espetáculo no Teatro Leblon, de quinta a domingo, na Sala Fernanda Montenegro.



Chega de história

Aos 83 anos, Tônia Carrero investe no humor com personagem inusitado.

Por Simone Melamed

A palavra reencontro não explica a trama, mas é ela que dá o tom da montagem de *Chega de História*, que acaba de estrear na Casa de Cultura Laura Alvim. Além de marcar a volta de Tônia Carrero aos palcos cariocas, a peça reedita a parceria da atriz com o diretor Fauzi Arap – com quem ela não trabalhava desde a década de setenta – e ainda propicia uma nova tabelinha com o ator Nilton Bicudo. Tônia e Bicudo contracenaram, em 2000, em *O Jardim das Cerejeiras*, de Tchecov.

Desta vez a atriz entra na pele de Dona Filó, uma professora aposentada que, ao ser convidada para fazer uma palestra num centro cultural prestes a fechar, acaba desfiando um rosário de problemas e descontentamentos: da aspereza da velhice às precárias condições da cultura e da educação no País.

Filó esperta

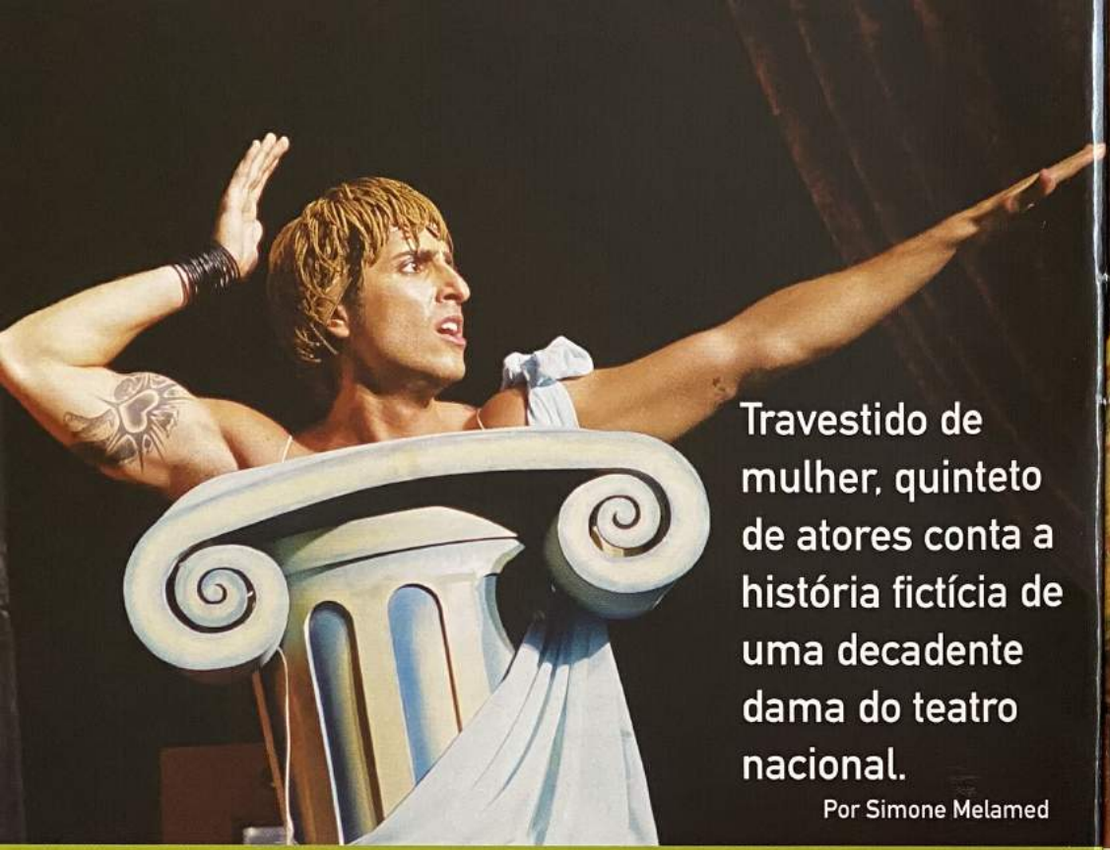
"Me despi do glamour para viver este personagem tão inusitado! É inédito, para mim. Ela é uma grande ingênua e, ao mesmo tempo, tem uma consciência política maravilhosa. Vê tudo do último lugar da fila, mas com uma enorme sapiência", conta a atriz. "Quero que o público do Rio veja e dê risada comigo. Todo mundo vai adorar", promete.

Tônia aposta no entrosamento com o ator Nilton Bicudo, que faz o papel do administrador do centro cultural, um burocrata que não enxerga com bons olhos o discurso da aposentada. "Quero dar a ele o prestígio que ele merece, porque ele é maravilhoso! No réveillon nos ligamos e trocamos desejos de boa sorte. Já se foi o tempo em que eu vivia comigo mesma, me idolatrando. Caí do cavalo – e agora ando ao lado dele", confidencia a diva.

Uma história de sucessos

A união profissional entre Tônia Carreiro e o dramaturgo e diretor Fauzi Arap já tem quase quatro décadas. O primeiro encontro foi em 1967, quando a atriz interpretou uma prostituta na peça "Navalha na Carne", de Plínio Marcos. Além de marcar a estréia profissional do diretor, o espetáculo garantiu à atriz um troféu Moliére. A parceria se repetiu em 1969, com o espetáculo "Falando de Rosas", e em 1970, com "Macbeth", de Shakespeare, onde Tônia contracenou com Paulo Autran. Escrita em 1990, durante o governo do presidente Fernando Collor, a peça "Chega de História" ganhou uma nova versão, mais atemporal, nesta quarta empreitada da dupla de artistas.

FOTOS: ALEXANDRE DINIZ / DIVULGAÇÃO



Travestido de mulher, quinteto de atores conta a história fictícia de uma decadente dama do teatro nacional.

Por Simone Melamed

CAMILA BAKER, a saga continua

Na prova de interpretação, eles já passaram com louvor. Agora, Daniel Boaventura, Leonardo Brício, Marcos Mion, Otavio Muller e Zeu Britto fazem malabarismos para se equilibrar no teste do salto alto, nas quase duas horas em que ficam caracterizados de mulher na peça *Camila Baker – A saga continua*, em cartaz no Teatro das Artes.

Encenada pela primeira vez nos anos 90, a peça rapidamente virou um espetáculo *cult* do circuito alternativo paulista. Alguns anos depois, houve uma remontagem, com algumas modificações no texto. Agora, Camila Baker foi totalmente repaginada, como explica o autor Emílio Boechat. "Durante as leituras, percebi que a trama poderia ser mais bem desenvolvida, para equilibrar os papéis para cinco protagonistas. As idéias e sugestões do elenco e do diretor provocaram um processo que levou à mudança em quase todas as cenas".

Com um revezamento em mais de trinta papéis – e sessenta trocas se figurino! – os atores contam a saga fictícia da atriz que dá nome ao espetáculo. Depois de uma vida de glórias e *glamour*, a diva é acusada de assassinar o marido, e enlouquece. Até que aparece sua filha bastarda, disposta a provar a inocência da atriz. A partir daí, a história é contada em *flash-back*, recordando momentos de sua vida e espetáculos nos quais participou. "O besteirol tem um certo estigma, ficou conhecido como um gênero menor. Mas gosto deste humor descompromissado, do riso solto sem culpa", confessa o diretor Fernando Guerreiro.

Quem são eles

Camila Baker (Daniel Boaventura), diva do Teatro Nacional: "tive uma infância difícil. Quando tinha apenas seis anos, meu pai me mandou ir até a esquina comprar cigarros".

Wolfgang (Zeu Britto), filho de Camila Baker: "todos aqueles homens perseguiam a minha mãe! Era doentio!"

Jennifer (Leonardo Brício), filha bastarda: "vou reabrir o processo que condenou Camila injustamente".

Virgínia (Marcos Mion), irmã invejosa: "Camila sempre foi louca. Ela confundia suas peças com a realidade".

Dorothy (Otávio Muller), camareira: "sempre amei Camila... à distância... sem contato físico".

FOTOS: REINALDO MARQUES / DIVULGAÇÃO

DINHEIRO GRÁTIS

Uma entrevista com Michel Melamed, que assinou Regurgitofagia em 2004 e neste início de ano estréia nova peça.

Em 2004, ele mexeu com a cena teatral carioca com o espetáculo *Regurgitofagia*, sucesso de público e crítica que, depois de ter passado por diferentes estados brasileiros, segue em carreira internacional pela Europa. Agora, o autor, ator e diretor Michel Melamed se lança numa nova empreitada, com a peça *Dinheiro Grátis*, a segunda parte do projeto Trilogia Brasileira.

APLAUSO: Depois do sucesso de *Regurgitofagia*, como foi dar seqüência à segunda parte da Trilogia Brasileira?

Melamed: O processo criativo é angustiante, a entrega é limítrofe. O trabalho artístico lida com a subjetividade, e você tem de se organizar para desenvolver alguma coisa que estava no plano das idéias. É doloroso e intenso, e eu aprendi que a minha pressão interna é maior e mais rigorosa do que a externa. Sou muito autocrítico e não sou indulgente. É difícil pensar com autonomia e originalidade. É muita entrega. Até agora, ainda não consegui digerir o processo.

APLAUSO: Na peça, você propõe uma reflexão a respeito do processo de mercantilização, que permeia a tudo e a todos na sociedade atual. Poderia citar alguns exemplos?

MELAMED: Tem gente passando fome, tem doente sem remédio, gente que nunca leu um livro, nunca foi ao teatro. O processo de mercantilização, o valor das coisas, os preços e quanto você ganha são mais importantes do que os bens imateriais de ler um livro, assistir a uma peça e ter acesso à educação, que permitem ao cidadão exercer o seu livre-pensar. Se os seis bilhões de pessoas do mundo tivessem acesso às ferramentas, seriam gerados muitos pensamentos e soluções e não um pensamento único. A mercantilização que permeia a tudo é apenas um valor. Sem entrar no mérito se é bom ou ruim. O bonito é todo mundo estar aparelhado para produzir pensamentos. Estão vendendo um discurso de imutabilidade, mas isto não existe. É uma falácia. O destino não está escrito nas estrelas. A gente tem de lutar por justiça.

APLAUSO: A sua Trilogia Brasileira se baseia em três pilares: a integração de linguagens, o engajamento do público e o testemunho crítico da contemporaneidade. Como isto se reflete neste novo espetáculo?

Melamed: A sinopse do espetáculo é assim: ´e aí, qual vai ser? O que você vai fazer meu irmão? Em 2006, no planeta Terra, existem muita riqueza e muita pobreza, muita beleza e muita feiúra. A vida é maravilhosa e é uma cagada. E aí, vai fazer o que? Qual é?´. Não existe uma verdade. Existem verdades. Encontre e defenda a sua! Com consistência, propriedade, educação e gentileza.

APLAUSO: Você acredita que o humor pode ser um atalho que leva à reflexão?

Melamed: Verdade sem amor é crueldade. Humor, talvez, seja verdade com amor. Com humor você pode falar sobre tudo, sobre as coisas mais sérias, mas de um jeito educado, sem agredir, com respeito. Humor é a forma mais respeitosa de se falar sobre questões importantes da vida.

APLAUSO: Diante deste panorama de valores distorcidos, qual é a valia e a importância de uma obra teatral?

Melamed: Total! O teatro é o último reduto público do livre-pensar, onde tudo é permitido. Não existe nenhum outro lugar, que não seja no teatro, em que 300 pessoas possam se reunir e falar sobre qualquer coisa. E é disto que as pessoas precisam: olhar no espelho e ver as suas caras. A vida não se resume ao entretenimento.Vai ter um dia em que nós vamos sentar em frente à televisão e ela é quem vai nos assistir. O ser humano tem muito mais canais do que a tevê. São meia dúzia de canais para assistir a seis bilhões de pessoas!

FOTOS: DÉBORA 70 / DIVULGAÇÃO

Adivinhe quem vem para rezar

Com 55 anos de carreira, Paulo Autran estréia comédia dramática sob a batuta do diretor Elias Andreatto.

Por Simone Melamed

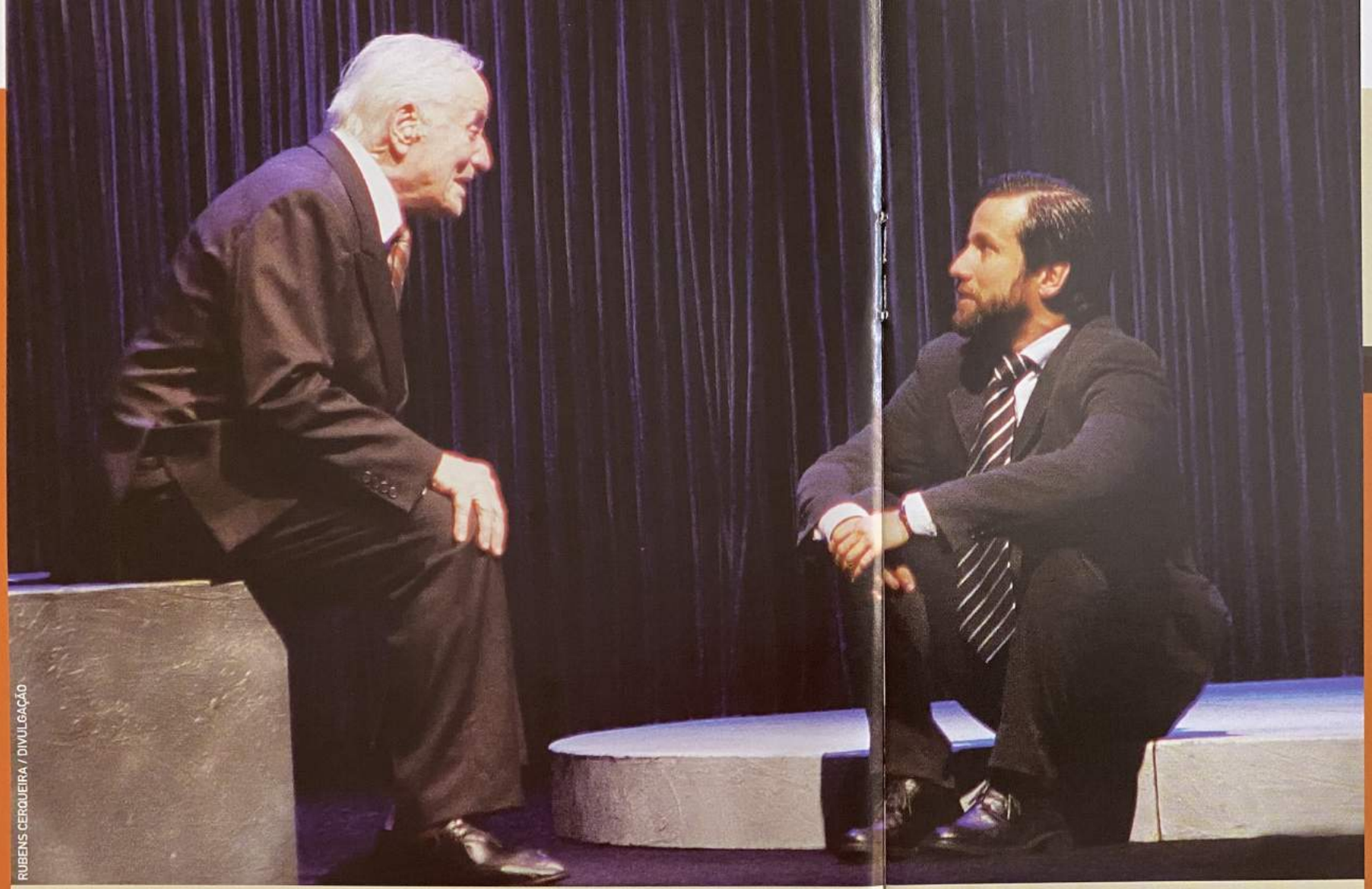
De um lado, o quase fetiche feminino de discutir uma relação. Do outro, a dificuldade masculina de conversar sobre assuntos mais íntimos e pessoais. Entre o muito que se diz e o pouco que se fala, abre-se caminho para um enorme e intransponível abismo, quase sempre difícil de percorrer. Por estas e por outras é que a peça *Adivinhe quem vem para rezar* é mais do que bem-vinda, já que traz para a ribalta um acerto de contas entre um pai e um filho, que discutem a relação como gente grande. Ou, se preferirem, como as mulheres adoram fazer!

"A peça é inteligente e totalmente original. O enfoque na relação entre pai e filho é feito de uma maneira emocionante e divertida", diz Paulo Autran, que divide o palco com o ator Cláudio Fontana. "O que me atrai no texto é a possibilidade de explorar o universo masculino. Por experiência própria, eu acho que a relação entre filho e pai deveria ser mais aberta. As mulheres falam mais, demonstram os sentimentos com mais facilidade. Os homens têm uma cultura mais machista, tentam manter a fama de durão. Mas nós temos os mesmos problemas que as mulheres e sentimentos que todos os seres humanos têm. E o texto aborda bem isto", comenta Cláudio, responsável também pela produção do espetáculo.

De alma aberta

Escrita pelo jornalista Dib Carneiro Neto – em sua primeira incursão pelo

JOÃO CALDAS / DIVULGAÇÃO



RUBENS CERQUEIRA / DIVULGAÇÃO

mundo da dramaturgia – a história é ambientada numa igreja, onde esses dois homens se arriscam a falar do passado e sobre assuntos dos quais fugiram durante anos. "A idéia era explorar um tema que sempre me intrigou e que eu gostaria de tratar numa peça: homens conversando. Até que ponto a premissa de que homem fala menos do que mulher é verdade ou é mito? Aí aconteceu um dado real na minha vida: meu pai morreu e eu passei por aqueles rituais de velório, enterro, missas", relembra o autor.

Em cena, Paulo Autran dá vida a três personagens – o pai, o amante da mãe e o padre - sem o recurso da mudança de figurino, nem o uso de acessórios. "Como eles são diferentes por dentro, sai personagens diferentes. Todos têm um passado e uma vida interior muito grande", explica o ator, que usa recursos vocais para pontuar as mudanças de personagem. "O Paulo tem uma noção de dramaturgia perfeita e maravilhosa. Ele me ensinou a falar de verdade todo dia e ouvir de verdade todo dia. É uma honra contracenar com ele", diz Fontana.

Bastidores

Encenado em São Paulo, o espetáculo foi visto por mais de 150 mil pessoas, rendendo a Paulo Autran os prêmios da Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA) e Shell de melhor ator. E junto ao sucesso de crítica e público, somam-se deliciosas histórias de bastidores. "Em São Paulo, um espectador bateu na porta do camarim e me entregou uma carta na qual, na posição de filho, ele contava uma briga violenta com o pai e a mãe. Dois meses depois, ele entregou uma outra carta, dizendo que estava feliz e grato, porque tinha conversado e feito as pazes com os dois. Na última semana, ele veio com a mãe", conta Paulo.

As ondas que conquistaram o Brasil

Sinônimo de status e glamour nos anos 40 e 50, a Rádio Nacional ganha justa homenagem, em forma de musical.

Por Simone Melamed

FOTO: MARCOS GAMBOA / DIVULGAÇÃO

"Amigo ouvinte, aqui fala o repórter Esso, testemunha ocular da história". Era assim que, diariamente, o locutor Heron Domingues fazia a abertura de um dos programas mais ouvidos na década de 50, pelas ondas da Rádio Nacional: o *Repórter Esso*. Para quem não se lembra, para os que nunca ouviram falar e, ainda, para aqueles que adorariam recordar este e tantos outros programas da emissora, vale a pena conferir o espetáculo *Rádio Nacional – As ondas que conquistaram o Brasil*, em cartaz no Teatro Maison de France.

No ano em que se comemora os 70 de existência da Nacional, o musical relembra a importância e o sucesso do veículo, com seus programas de auditório, novelas, reportagens e canções. "Estamos homenageando o que tinha de melhor na época. A Rádio Nacional influenciou a família brasileira. Resgatar a história da rádio está sendo um desafio. Os programas e as canções estão, até hoje, gravadas no imaginário popular", conta o diretor Fábio Pillar.

Com ares de superprodução, a peça conta com onze atores/cantores no elenco, 100 peças de figurino e um orçamento de 800 mil reais, sem falar na supervisão artística de Bibi Ferreira, uma das grandes divas do meio teatral. "A Bibi foi fundamental em todos os níveis. Ela é incansável e tem uma vitalidade enorme!", diz Cláudia Vigonne, produtora e atriz do musical.

Influência

Em cena, uma família típica do subúrbio carioca tem na Nacional a sua fonte de informação e distração. Até que o cotidiano familiar é mexido com a chegada de uma vizinha balzaquiana fogosa, interpretada pela atriz Sylvia Bandeira. "A peça tem dois núcleos. Um é a casa, e é através dela que se projeta a rádio. O primeiro núcleo é mais teatral do que musical. Ele é o fio condutor do espetáculo, onde se vê o impacto que a Rádio tinha na sociedade", explica Cláudia. "Vamos tentar resgatar não apenas a música daquela época, mas também os hábitos e costumes. Uma coisa bacana, que o espetáculo reflete, é que era uma época esperançosa, que dá saudade de viver. E os brasileiros estão precisando deste carinho", completa a produtora.

Trilha Sonora

Responsável pelo roteiro musical, o jornalista João Máximo selecionou canções emblemáticas da época, que são tocadas ao vivo por um quarteto de piano, baixo, bateria e sopros. Aquarela do Brasil, Ave Maria no Morro, Xote das Meninas, Asa Branca, Conceição, Chiquita Bacana, Por Causa de Você, Solamente Una Vez, e Tenderly são algumas das músicas escolhidas pelo jornalista, imortalizadas por cantores como Dalva de Oliveira, Ângela Maria, Cauby Peixoto, Emilinha Borba e Dolores Duran.

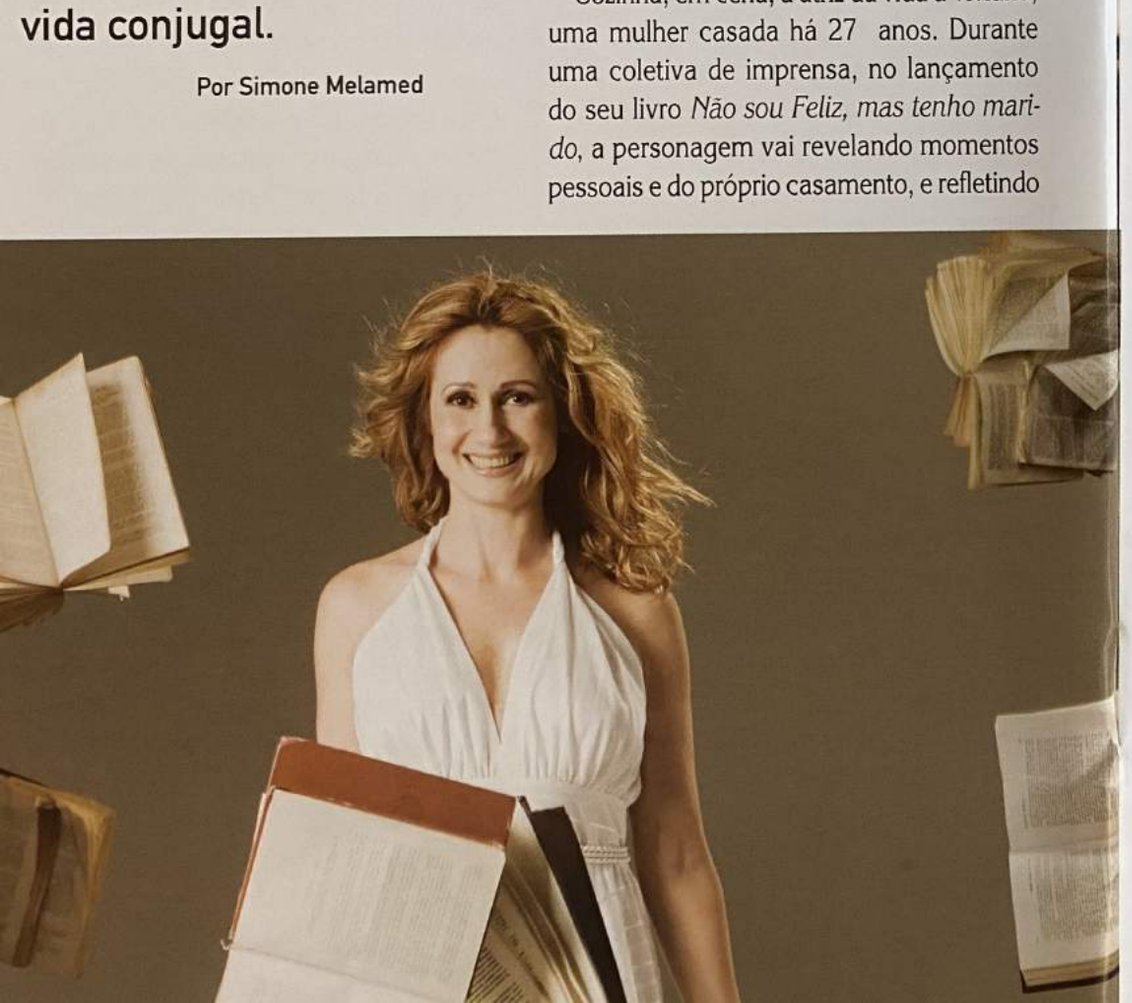
Não sou feliz, mas tenho marido

Zezé Polessa estréia monólogo, no Centro Cultural Telemar, com uma visão bem-humorada da vida conjugal.

Por Simone Melamed

Há muito tempo que Zezé Polessa vive um caso de amor com o teatro. Desta vez, o casamento ganha um oxigênio extra com a montagem da peça *Não sou feliz, mas tenho marido*, adaptação de crônicas do livro homônimo, escrito pela jornalista argentina Viviana Gómez Thorpe.

Sozinha, em cena, a atriz dá vida à Viviana, uma mulher casada há 27 anos. Durante uma coletiva de imprensa, no lançamento do seu livro *Não sou Feliz, mas tenho marido*, a personagem vai revelando momentos pessoais e do próprio casamento, e refletindo sobre o delicado equilíbrio que comanda uma relação a dois. Nada escapa ao olhar atento da personagem: dos temas comuns a qualquer casal – como a falta de diálogo e a paixão masculina por automóvel, televisão e futebol – às aflições tipicamente femininas, como a falta de roupa para ir numa festa e a despensa vazia.



Ciladas

"Ela é sarcástica, inteligente, cruel, demolidora. Fala dessas coisas que as mulheres fazem com elas mesmas, das ciladas que armam para si. A peça é um toque para a mulher de que casamento só dá certo se houver possibilidade de momentos de felicidade", diz Zezé. E a atriz, que já foi casada duas vezes, continua: "dos três adaptadores, eu estou solteira, o Victor é um homem solteiro e a Maria tem um casamento superlegal, onde os dois são independentes. E isto cada um de nós trouxe para o trabalho".

O projeto nasceu a partir de um convite do diretor Victor Garcia Peralta, uma espécie de embaixador cultural entre Brasil e Argentina. "Ele leva e traz peças de lá pra cá e de cá pra lá. Quando ele me deu o livro para ler, resolvi fazer uma adaptação, porque achei que a mulher era vitimizada demais. Além disto, a mulher brasileira é diferente da Argentina, tanto psicologicamente quanto no emocional", afirma a atriz. A conferir!

FOTOS: FERNANDO TORQUATTO / DIVULGAÇÃO

Pérolas em cena

- Uma vocação profissional: ser esposa. Como ser bombeiro, mestre de obras, enfermeira...
- A tevê, no casamento, é algo assim como dormir a três
- Num futuro próximo, o casamento será penalizado por lei
- Depois que os casais se casam na novela, o Ibope cai
- A melhor maneira de um marido lembrar o aniversário de casamento é casar no dia do aniversário dele
- Dou mesmo não estando incendiando de desejo ou desapareço nas sombras com o diploma de histérica embaixo do braço?
- O que é isso? Essa tara que os homens têm pelos carros?! Dá uma conferida no meu óleo, como você faz com o carro a cada 5000 kms!

em cartaz

peças, horários, teatros e preços

A HORA DA ESTRELA

História da nordestina Macabéa, órfã virgem e solitária, que migra para a cidade maravilhosa. Texto: Clarice Lispector. Direção: Marcus Vinicius Faustini. Com Alexadre Menenzes e Gabriela Saboya. **Espaço Cultural Sérgio Porto** (Rua Humaitá 163, Humaitá). Fone: 2266-0896. Sexta e sábado, 21h. Domingo, 20h. R$ 15. A partir de 20/01.

A MORATÓRIA

A derrocada de uma família após perder uma fazenda de café e as esperanças depositadas no benefício da moratória. Texto: Jorge de Andrade. Direção: Daniel Dias da Silva. Supervisão Cênica: Gracindo Junior. Com Suely Franco e Gabriel Gracindo. **Centro Cultural Justiça Federal** (Av. Rio Branco 241, Centro). Fone: 3212-2565. Quinta a domingo, 20h. Quinta e domingo, R$ 20. Sexta e sábado, R$ 25. A partir de 18/01.

A MULHER DESILUDIDA

Baseado num dos três textos do livro homônimo de Simone de Beauvoir, a peça acompanha a noite de Ano Novo de uma mulher, revelando seus segredos e frustrações. Texto: Simone de Beauvoir. Direção: Gilberto Gawronski. Com Guida Vianna. **Casa de Cultura Laura Alvim - Espaço Rogério Cardoso** (Av. Vieira Souto, 176 – Ipanema). Fone: 2267-1647. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$ 20. Estudantes e idosos têm 50% de desconto.

AS PRECIOSAS RIDÍCULAS

Dois espertos criados trocam de papel com seus patrões. Texto: Molière. Adaptação: João Bethencourt. Direção: Cláudio Torres Gonzaga. Com Helena Ranaldi e Marcos Oliveira. **Teatro SESI** (Av. Graça Aranha 1, Centro). Fone: 2563-4163. Terça a sábado, 19 h. Terça e quarta, R$ 25. Quinta, sexta e sáb, R$ 30.

ABALOU BANGU

A mudança de bairro, de um típico casal suburbano, provoca uma série de confusões. Texto e direção: Flávio Marinho. Com André Valli, Cristina Pereira (qui. e sex.) e Catarina Abdalla (sáb. e dom.). **Teatro Ipanema** (Rua Prudente de Moraes, 824, Ipanema). Fone: 2523-9794. Sexta e sábado, 21h. Domingo, 20h. Sexta e domingo, R$ 30. Sábado, R$ 35

ADIVINHE QUEM VEM PARA REZAR

A peça coloca em evidência a relação entre pai e filho.Texto: Dib Carneiro Neto. Direção: Elias Andreato. Com Paulo Autran e Cláudio Fontana. **Teatro Leblon – sala Marília Pêra** (Rua Conde Bernadotte, 26, Leblon). Fone: 2274-3536. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. Quinta e sexta, R$ 45. Sábado, R$ 60. Domingo, R$ 50.

AGRESTE

Uma bela e premiada fábula sobre a ignorância, o preconceito e o amor incondicional.. Texto: Newton Moreno. Direção: Marcio Aurélio. Com Paulo Marcello e João Carlos Andreazza. **Teatro Poeira** (Rua São João Batista, 104, Botafogo). Fone: 2537-8053. Quinta a Sábado, 21h. Domingo, 19 h. R$ 40.

ALTA TENSÃO

Diversos esquetes sobre encontros inesquecíveis, situações inusitadas e personagens que fazem parte do nosso cotidiano. Texto: Heloisa Perissé e Elisa Palatinik. Direção: Heloisa Perissé. Com Alice Borges, Bruce Gomlevsky, Márcia Cabrita e Thelmo Fernandes. **Teatro Leblon – sala Fernanda Montenegro** (Rua Conde Bernadotte, 26, Leblon). Fone: 2274-3536. Quinta, 21h. Sexta e sábado, 23h. Dom, 21h30. R$ 40.

CADA UM COM SEUS POBREMA

O ator e autor Marcelo Médici interpreta nove personagens politicamente incorretos, mudando radicalmente de expressão e voz. Texto: Marcelo Médici. Direção: Ricardo Rathsam. Com Marcelo Médici. Local: **Teatro Leblon – sala Marília Pêra** (Rua Conde Bernadotte 26 – Leblon). Fone: 2274-3536. Sexta e sábado, 23h. Domingo, 22h. Sexta, R$ 35. Sábado e domingo, R$ 40.

CAETANA

Uma rezadeira se vê diante da morte, reencontrando, no Reino do Invisível, almas encomendadas por ela. Texto: Weydson Barros Leal e Moncho Rodriguez. Direção: Moncho Rodriguez. Com Lívia Falcão e Fabiana Pirro. **Teatro Clara Nunes** (Rua Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2274-9696. Sexta e sábado, meia-noite. R$ 20.

CAMILA BAKER – A SAGA CONTINUA

A peça conta, com muito humor, a vida da fictícia Camila Baker. Depois de conhecer o sucesso como atriz, ela chega ao fundo do poço, acusada de assassinar o marido. Texto: Emílio Boechat. Direção: Fernando Guerreiro. Com Daniel Boaventura, Zeu Britto, Leonardo Brício, Marcos Mion e Otávio Muller. **Teatro das Artes** (Rua Marquês de São Vicente, 52, 2º. andar, Shopping da Gávea). Fone: 2540-6004. Quinta a sábado, 21h30. Domingo, 20h. Quinta, R$ 40. Sexta e domingo, R$ 45. Sábado, R$ 50.

CHEGA DE HISTÓRIA

Professora aposentada é convidada a dar uma palestra, mas acaba se desviando da rota e denunciando as precárias condições em que sobrevivem a educação e a cultura do País . Texto e direção: Fauzi Arap. Com Tônia Carrero e Nilton Bicudo.**Casa de Cultura Laura Alvim** (Av. Vieira Souto, 176 – Ipanema). Fone: 2247-6946. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$ 30.

DIFERENTE IGUAL A GENTE

Comédia musical com as desventuras de um homem preconceituoso que,

após um acidente, passa por transformações físicas que o deixam nas mesmas condições das pessoas que ele costumava desprezar. Texto: Rogério Blat. Direção: Ernesto Piccolo. Com Ricardo Blat e a Cia. Oficinas de Criação de Espetáculo. **Teatro Glauce Rocha** (Av. Rio Branco 179, Centro). Fone: 2220-0259. Quartas e Quintas, 19h. R$ 10. Até 02/02.

DINHEIRO GRÁTIS

Segunda parta da *Trilogia brasileira*, que questiona o processo de deterioração das relações sociais. Texto e atuação: Michel Melamed. Direção: Alessandra Colasanti e Michel Melamed. **Espaço SESC** (Rua Domingos Ferreira, 160, Copacabana). Fone: 2547-0156. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 19h30. R$ 12. Estudantes, idosos e classe artística têm 50% de desconto. Até 29/01.

ESTATUTO DE GAFIEIRA

Uma síntese da história da dança de salão no Brasil. Pesquisa e texto: Ana Velloso e Vera Novello. Direção: Aderbal Freire Filho. Com Soraya Ravenle, Gillray Coutinho e Cândido Dann. **Teatro Villa-Lobos** (Av. Princesa Isabel, 440, Copacabana). Fone: 2275-6695. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. Quinta, sexta e domingo, R$ 20. Sábado, R$ 25. Estudantes e idosos têm 50% de desconto.

FAMA ZERO

A busca pela fama e a valorização das "celebridades de massa" são a base desta peça cheia de humor. Texto: Maria Valentim, Raul Franco e Sylvia Orenstein. Direção: Wendell Bendelack e Raul Franco. Com Aline Borges e Fabio Florentino. **Teatro Cândido Mendes** (Rua Joana Angélica, 63, Ipanema). Fone: 2267-7295. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$ 30. Estudantes e idosos têm 50% de desconto. A partir de 19/01.

LEITOR POR HORAS

Um curioso triângulo de relações entre uma moça cega, seu pai e um homem contratado para ler para ela.Texto: José Sanchis Sinisterra. Tradução: Geraldo Carneiro. Direção: Christiane Jatahy. Com Ana Beatriz Nogueira, Sebastião Vasconcelos. **Centro Cultural Banco do Brasil - Teatro III** (Rua Primeiro de Março, 66, Centro). Fone: 3808-2020. Quarta a domingo, 19h. R$ 10.

NÃO SOU FELIZ, MAS TENHO MARIDO

As amarguras conjugais de uma mulher contemporânea são narradas com humor e vivacidade. Texto: Viviana Gómez Thorpe. Adaptação: Maria da Luz, Zezé Polessa e Victor Garcia Peralta. Direção: Victor Garcia Peralta. Com Zezé Polessa. Centro Cultural Telemar (Rua Dois de Dezembro, 63, Flamengo). Fone: 3131-1227. Sexta a domingo, 19h30. R$ 10.

NÓS NA FITA

Esquetes em cima de pequenas situações cotidianas. Texto: Marcius Melhem. Direção: Alexandre Régis. Com Marcius Melhem e Leandro Hassum. **Teatro dos Quatro** (Rua Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2540-6004. Quinta a domingo, 20h. R$ 35.

O DOENTE IMAGINÁRIO

O poder da medicina, com seus valores e mazelas, a partir da história de um burguês avarento que sofre de hipocondria. Texto: Molière. Direção: Jacqueline Laurence. Com Tonico Pereira, Gláucia Rodrigues, Nildo Parente. **Teatro SESI** (Av. Graça Aranha 1, Centro). Fone: 2563 4163. Quinta a sábado, 20h30. Domingo, 19h30. R$ 30.

O RIM

Comédia romântica, inspirada numa notícia de jornal, em que uma jovem é seduzida por um homem que precisa de um transplante de rim. Texto: Patrícia Melo. Direção: Elias Andreato. Com Carolina Ferraz. **Teatro Leblon – sala Fernanda Montenegro** (Rua Conde Bernadotte, 26, Leblon). Fone: 2274-3536. Sexta e sábado, 21h. Dom, 19h30. Sexta e domingo, R$ 45. Sábado, R$ 50.

OS HOMENS SÃO DE MARTE ... E É PRA LÁ QUE EU VOU

Uma jornalista solteira relata seus conflitos e dilemas na busca de um grande amor. Texto e atuação: Mônica Martelli. Direção: Victor Garcia Peralta. **Teatro Vannucci** (Rua Marquês de São Vicente, 52, 3º piso, Shopping da Gávea). Fone: 2274-7246. Quarta a sábado, 21h30. Domingo, 20h. Quarta e quinta, R$ 35. Sexta e domingo, R$ 40. Sábado, R$ 45.

RÁDIO NACIONAL – AS ONDAS QUE CONQUISTARAM O BRASIL

Com a supervisão de Bibi Ferreira, musical faz uma justa homenagem à época de ouro da Rádio Nacional. Texto: Fátima Valença. Direção: Fábio Pillar. Com Cláudia Vigonne, Fábio Pillar e Sylvia Bandeira. **Teatro Maison de France** (Av. Presidente Antônio Carlos, 58, Centro). Fone: 2215-1708. Quinta a sábado, 19h. Domingo, 18h. Quinta e sexta, R$ 35. Sábado, R$ 45. Domingo, R$ 40.

SAUDADE EM TERRAS D´ÁGUA

A peça conta, por meio de gestos e coreografia, uma história de exílio provocado pelo mar que seca. Encenação, dramaturgia e coreografia: Artur Ribeiro e André Curti. Com a Cia. Dos à Deux e a atriz Lakko Okino. **Centro Cultural Banco do Brasil - Teatro II** (Rua Primeiro de Março, 66, Centro). Fone: 3808-2020. Quarta a domingo, 19h. R$ 10 e R$5 (meia). Até 12/02.

em cartaz

peças, horários, teatros e preços

SETE CONTO

As diferenças gritantes do País, através de sete personagens. Texto e atuação: Luís Miranda. Direção: Ingrid Guimarães. **Casa de Cultura Laura Alvim** (Av. Vieira Souto, 176 – Ipanema). Fone: 2247-6946. Sexta e sábado, 22h30. Domingo, 21h30. Sexta, R$ 25. Sábado e domingo, R$ 30.

SURTO

Esquetes que retratam a loucura do cotidiano. Texto e atuação: André Moraes, Flávia Guedes, Rodrigo Fagundes, Thaís Lopes e Wendell Bendelack. Direção: Cláudio Handrey. **Teatro dos Quatro** (Rua Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2274-9895. Quinta a domingo, 21h30. Quinta e sexta, R$ 35. Sábado e domingo, R$ 40.

TODA NUDEZ SERÁ CASTIGADA

A peça gira em torno de um insólito casal: Herculano, um viúvo conservador, e a atraente prostituta Geni. Texto: Nelson Rodrigues. Direção: Paulo de Moraes. Com a Cia. Armazém de Teatro. **Centro Cultural Banco do Brasil - Teatro I** (Rua Primeiro de Março, 66, Centro). Fone: 3808-2020. Quarta a domingo, 19h. R$ 10 e R$5 (meia).

UM CAMINHO PARA DOIS

Um casal e seus 25 anos de casamento. Texto e direção: Flavio Marinho. Com Luciana Braga e Osmar Prado. **Teatro Clara Nunes** (Rua Marquês de S. Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2274-9696. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. Quinta e sexta, R$ 35. Sábado e domingo, R$ 40.

VISÃO CEGA

Cega desde criança, Molly Sweeney aprendeu a construir um mundo particular, até que, aos 41 anos, a vida lhe apresenta a oportunidade da visão. Baseada em fatos reais. Texto: Brian Friel. Tradução: João Bethencourt. Direção: Eduardo Tolentino. Com Rubens de Falco, Mariana Muniz. **Centro Cultural dos Correios** (Rua Visconde de Itaboraí 20, Centro). Fone: 2503-8222. Quinta a domingo, 19 h. R$ 15.

WERTHER

Adaptada da obra literária *Os sofrimentos do jovem Werther*, a peça conta a história de um rapaz perdidamente apaixonado, mas não correspondido. Texto: Johann Wolfgang von Goethe. Direção: Antônio Gilberto. Com Pedro Osório. **Sala Multiuso do Espaço SESC** (Rua Domingos Ferreira, 160, Copacabana). Fone: 2547-0156. Sexta e sábado, 20h. Domingo, 19h. R$ 6. Estudantes, idosos e classe artística têm 50% de desconto.

não perca

O espectador assistiu, gostou e indica

FOTOS: TV GLOBO/DIVULGAÇÃO

Lado a lado com Sondheim

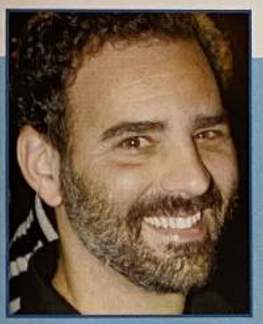
"Um musical para quem aprecia uma boa música, letras inteligentes e, principalmente, vozes divinas. É muito bom saber que somos capazes de cantar Sondheim com tanta competência, sem falar nas brilhantes versões de Cláudio Botelho. Bravo!"

Totia Meireles, atriz

Otelo da Mangueira

"Aí está um musical que indico pela qualidade do texto, pela beleza dos figurinos e pelas músicas inesquecíveis!"

Drica Moraes, atriz



A descoberta das Américas

"O ator Julio Adrião tem a atuação mais impressionante que eu já vi em um monólogo. Ele faz um tipo de teatro que não é convencional, prendendo a atenção do público de todas as idades. Fiquei muito sensibilizado com este trabalho tão bonito!"

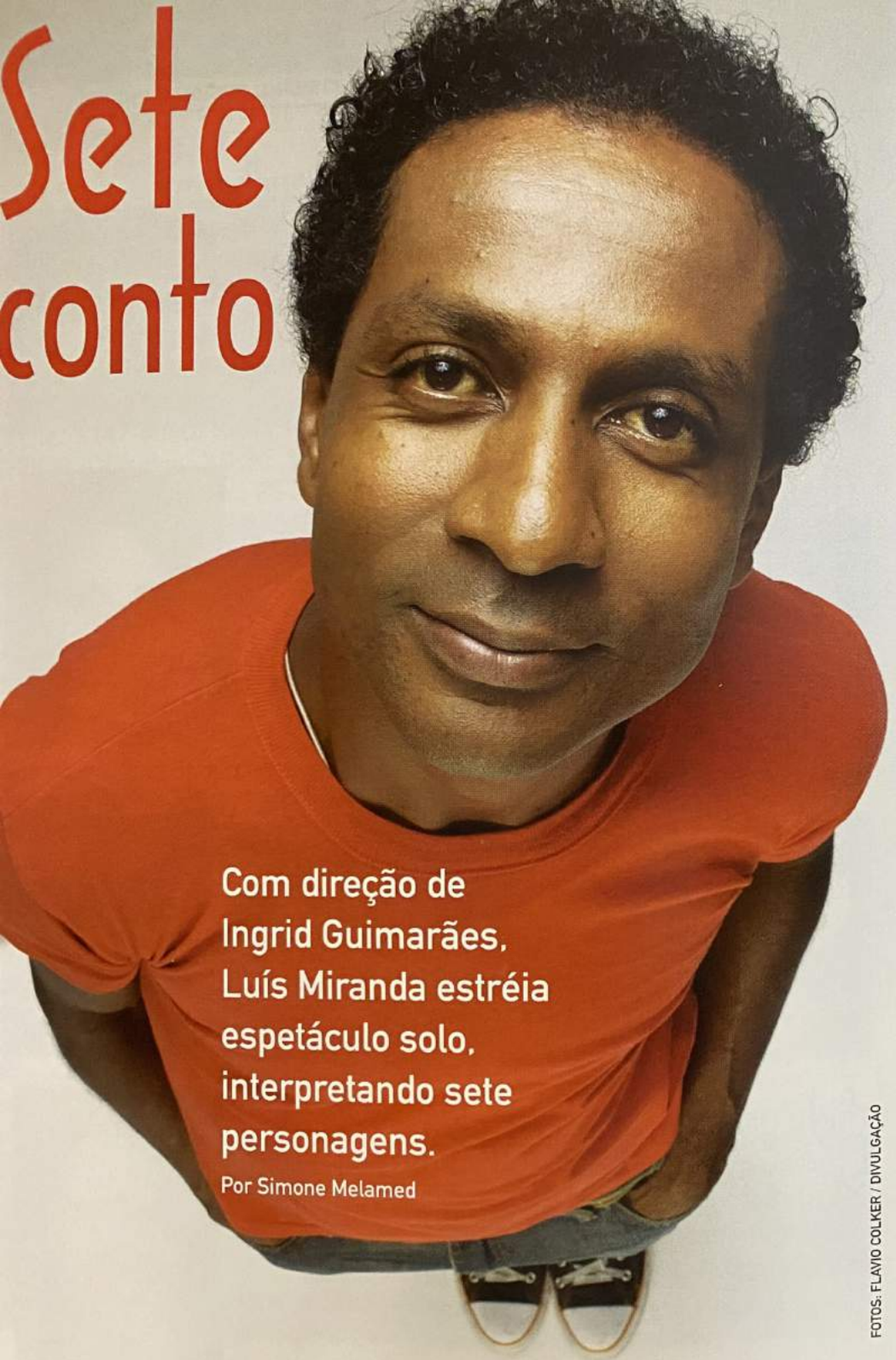
Floriano Peixoto, ator

Relicário de Rita Cristal

"Indico a peça porque a Vera Fajardo é uma atriz muito interessante do teatro. Ver uma atriz cantando é muito bom! O espetáculo é singelo e delicioso."

Christiana Kalache, atriz

Sete conto



Com direção de Ingrid Guimarães, Luís Miranda estréia espetáculo solo, interpretando sete personagens.

Por Simone Melamed

FOTOS: FLAVIO COLKER / DIVULGAÇÃO

Queixada é um guardador de carros alcoólatra e com uma queda pela filosofia. Sheila é uma ricaça sofisticadíssima, que vive nas altas rodas do *jet set*. À primeira vista, eles não parecem ter muito em comum. Mas o fato é que convivem lado a lado, juntos com outros cinco personagens criados por Luís Miranda, na peça *Sete Conto*, em cartaz na Casa de Cultura Laura Alvim.

A idéia do espetáculo começou há três anos, quando o ator esteve na Polônia com a *Companhia Teatro da Vertigem*. "Me convenceram a levar o figurino de uma personagem e tive a cara-de-pau e o desplante de andar pelas ruas da Polônia vestido de Sheila. Aquilo ali era o universo dela, e acabamos fazendo um micro-documentário das coisas que ela costumava contar e que pareciam mentira. A partir dali, surgiu a idéia de juntar teatro e vídeo", relembra Miranda, que costura quadros da peça com vídeos de personagens. Além de entreter o público, o recurso ainda serve de subterfúgio para as trocas de figurino e, conseqüentemente, de personagem.

Criatividade

Parceira do ator baiano num programa de televisão, Ingrid Guimarães foi convidada para tocar a empreitada junto com ele, na direção. "Eu amo os personagens dele! Às vezes, ficava rindo durante os ensaios e esquecia que estava dirigindo. Nós temos muita afinidade artística e está sendo uma experiência maravilhosa. O único problema é que ele é muito criativo, e a cada dia cria uma coisa nova. Tenho de segurar a criatividade dele", conta Ingrid.

Antes de seguir em carreira solo, as personagens da peça freqüentaram as concorridas noites da *Terça Insana*, um show de esquetes cômicos criado em 2001, com diferentes artistas disparando muita crítica social regada com humor inteligente. "Tenho uma característica legal que é conseguir copiar, não os famosos, mas as pessoas do cotidiano. Tem muita gente que virou amiga dos personagens. É incrível! As personagens existem além de mim, têm vida própria", declara o autor. Agende-se!

WERTHER

Clássico de Goethe ganha adaptação teatral.

Por Simone Melamed

Uma febre literária invadiu a Europa do século 18. O responsável pela comoção? Um escritor de 24 anos e seu romance *Os sofrimentos do jovem Werther*, em que narrava as desventuras amorosas da personagem do título. Na Alemanha da época, o livro foi o segundo mais lido, só perdendo para a Bíblia. Jovens faziam peregrinações pelas localidades onde a história se passava e copiavam as roupas que Werther usou quando conheceu sua amada. Até hoje, o livro é um dos cem mais lidos em todo o mundo. Seu criador? Johann Wolfgang von Goethe. Agora, chegou a vez de o público carioca se deliciar com as confissões e reflexões do rapaz apaixonado, na adaptação teatral que acaba de aportar no Espaço SESC. Para dar vida ao jovem Werther, o diretor Antônio Gilberto convidou o ator Pedro Osório, indicado ao Prêmio Shell de Melhor Ator pela interpretação na peça *Transpoiting*.

Transgressão juvenil

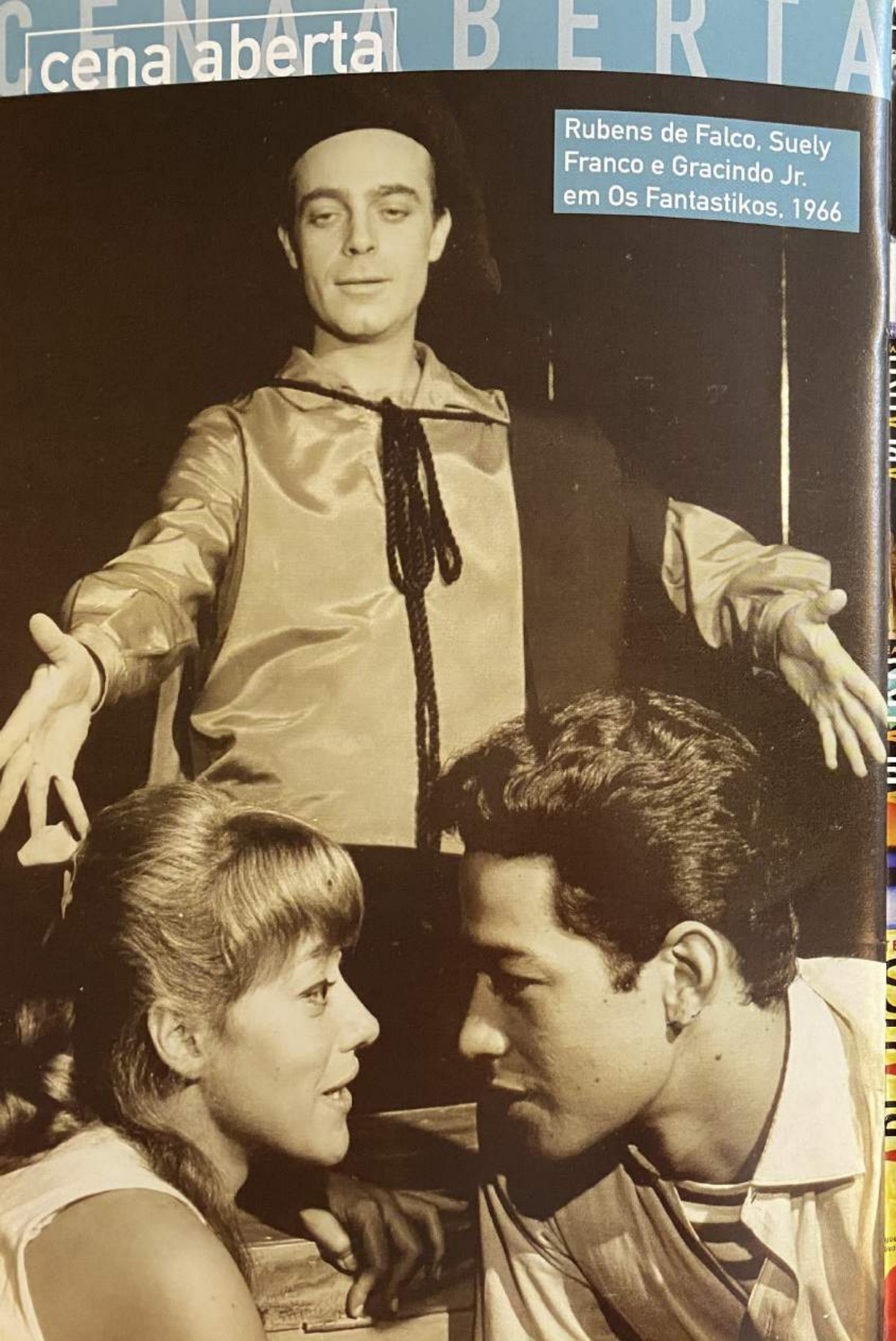
"Goethe escreveu este livro de cartas em 1774, a partir de uma experiência pessoal. O livro não é biográfico, mas também fala de um amor não correspondido", conta Antônio Gilberto, que idealizou a montagem em 1999, quando organizou um ciclo de leituras em comemoração aos 250 anos de nascimento do autor. "Abri o ciclo lendo este livro e tive a idéia de transformá-lo num espetáculo. A obra é um ícone do sentimento juvenil, com a impetuosidade e o sentimento de transgressão da juventude. Até hoje é atual e se transformou num clássico".

Sob a forma de cartas, o romance acompanha a luta interna de Werther, completamente encantado pela jovem Charlotte, uma moça comprometida. Entre tentativas de esquecê-la e outras tantas de conquistá-la, o jovem segue com seu amor platônico. "Werther chega à conclusão que na vida não existe nada mais fundamental do que o amor. Só que, com algumas exceções, o amor hoje é o último valor de uma escala. E a gente quer fazer com que as pessoas reflitam um pouco sobre isto. Por que ele não tem mais espaço?", questiona o diretor.

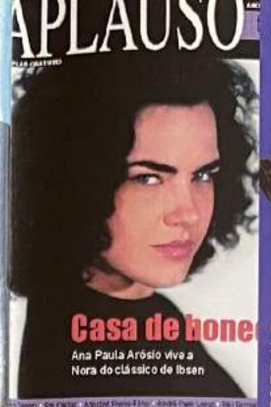
FOTOS: SILVIO POZATTO / DIVULGAÇÃO

Novo talento

Aluna do projeto social "Talentos da Vez" – uma iniciativa da Prefeitura do Rio de Janeiro, com o apoio da Revista Aplauso – Joyce Britto, de 17 anos, acaba de ganhar a sua primeira oportunidade profissional: ela é operadora de áudio da peça "Werther". "Quem me indicou para o trabalho foi uma professora do "Talentos", e eu espero que, um dia, todos os participantes do projeto possam ter uma oportunidade assim. Aprendi tudo com o "Talentos da Vez". Sei que, com esta porta nova na carreira, vou poder crescer profissionalmente. Quando você gosta de uma pessoa, quer ficar com ela para o resto da vida. O áudio é o grande amor da minha vida, e quero trabalhar cada vez mais com tudo que envolve esta área. As pessoas com quem eu estou trabalhando na peça são maravilhosas e eu me sinto como se estivesse subindo cada vez mais".



Rubens de Falco, Suely Franco e Gracindo Jr. em Os Fantastikos, 1966



Colecione!

Assine!

Enviamos para todo o Brasil

Maiores informações

Tel.: (21) 2239-1163

ou e-mail: aplauso@gbl.com.br

Assinatura semestral

R$ 24

Coleção completa de Aplauso por R$ 54!

Edições de 1 a 70

PAULO AUTRAN
CLAUDIO FONTANA

em

ADIVINHE QUEM VEM PARA REZAR

DE DIB CARNEIRO NETO DIREÇÃO ELIAS ANDREATO

QUINTA a SÁBADO 21h
DOMINGO 19h30

TEATRO LEBLON
Rua Conde Bernardotte 26
Leblon / tel: 2274-3536

REALIZAÇÃO

CURTA TEMPORADA

PATROCÍNIO

CCR Cultura nas estradas

Promoção:

95,7 FM PARADISO

O GLOBO

APOIO

Jamef ENCOMENDAS URGENTES

PIOLA FAMOSI PER LA PIZZA

Osteria dell'Angolo

La Fiorentina

Localiza

loudness

ESTAÇÃO DO CORPO health club & spa

VEGETARIANO SOCIAL CLUBE Culinária Orgânica

CLASSIF. ETÁRIA 12 ANOS